

SOBRE A POSSÍVEL LOUCURA DE SE DEFINIR A LOUCURA: UMA ANÁLISE CRÍTICA DE “O ALIENISTA” DE MACHADO DE ASSIS A LUZ DE GEORGES CANGUILHEM EM “O NORMAL E O PATOLÓGICO”

Juliana Porfírio Guimarães da Cruz Thalyta¹
Thalyta Roberta Barbosa dos Santos²
Leticia Rodrigues Mota de Lima³
Emmanuel de Almeida Rufino⁴

RESUMO

Para evidentes discrepâncias comportamentais em relação à normalidade do agir coletivo, há muito se cunhou o conceito de loucura, que, por sua vez, passou a marcar os sujeitos com uma adjetivação patológica, relegando-os ao isolamento social. É desse contexto que emergem as provocações iniciais que fundam a problemática da validade dos critérios da definição da normalidade e da loucura: se a construção da ideia de normal e do seu oposto passa pelo crivo da necessidade cultural e responde ao volátil campo do relativismo conceitual, não seria uma loucura definir a loucura considerando essa definição uma verdade absoluta? Para adentrar nas implicações filosóficas dessa questão, optamos por uma análise das obras "O alienista", de Machado de Assis, à luz da obra "O normal e o patológico", de Georges Canguilhem, recorte epistêmico-metodológico que se justifica por tratarmos de duas importantes áreas do conhecimento humano para desvelar as razões humanas de ser e de agir. Como resultado de nossa análise, concluímos que, apesar da personagem machadiana Simão Bacamarte tipificar a ciência moderna em sua ânsia de criar padrões definidores e definitivos da realidade a partir do viés instrumental de sua racionalidade cartesiana e instrumental, ele mesmo traz consigo a limitação teórica do arquétipo que representa, tal como revela seu destino na obra.⁵

Palavras-chave: Diferença, Machado de Assis, Normalidade, Patologia.

INTRODUÇÃO

Independentemente da época histórica, toda sociedade é criadora de cultura, porque nela define sua identidade enquanto movimento humano. Para além das demandas de

¹ Estudante do Curso Técnico em Eletrotécnica Integrado ao Ensino Médio do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba - IFPB, julianaporfilho13@gmail.com;

² Estudante do Curso Técnico em Instrumento Musical Integrado ao Ensino Médio do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba - IFPB, thalytaroberta@gmail.com

³ Estudante do Curso Técnico em Contabilidade Integrado ao Ensino Médio do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba - IFPB, leticia.rodrigues@academico.ifpb.edu.br;

⁴ Doutor em Educação pela Universidade Federal da Paraíba - UF, emmanuel.rufino@ifpb.edu.br.

⁵ Este trabalho é resultado do projeto de pesquisa "Estudo crítico dos conceitos contemporâneos de saúde, doença e terapia à luz da antiga medicina ocidental de matriz greco-egípcia", aprovado junto à Pró-Reitoria de Pesquisa, Inovação e Pós-Graduação do IFPB, e financiado tanto pelo IFPB quanto pelo CNPq.

sobrevivência básicas à experiência de cada indivíduo humano (experiência que inevitavelmente forja suas práticas de adaptação ao meio), como também de outros espécimes animais, os seres humanos transformam o meio, inserindo nele práticas e sentidos que o modelam às suas necessidades (que nem sempre tem a serventia primária de preservação da espécie, como a criação da arte, de códigos “elitistas” de comportamento para distinção social e etc.).

O comportamento social entra no campo daquilo que é imprescindível para a sobrevivência da raça, especialmente porque desde os tempos mais longínquos os indivíduos humanos perceberam que a junção de suas forças colaborava para sua maior chance de sobrevivência em meio às intempéries da natureza, mesmo que a história mostre que a vida em sociedade também se tornou símbolo de risco à espécie humana, justamente porque a proximidade de indivíduos diversos em suas necessidades (naturais ou meramente culturais) é fonte comum de conflitos, que ora produz evolução civilizatória, ora produz involução. Fato é que, no que tange o ideal de construção de uma sociedade saudável e potencialmente evolutiva, o conceito de normalidade sempre foi uma distinta marca forjada para modelar os comportamentos individuais, minimizando os riscos de suas diferenças. Contudo, quando algumas diferenças são notavelmente discrepantes do que a sociedade admite como aceitável para a harmonia da vida comum, é comum a criação de ações sociais que ou corrijam o comportamento do indivíduo divergente ou o isole (e seus riscos) do convívio.

Para essas evidentes discrepâncias comportamentais em relação à normalidade do agir coletivo, há muito se cunhou o conceito de loucura. Associar alguém à condição de “louco” significa rotular sua diferença inconciliável com o ideal societário de convivência, o que obviamente só é possível pelo processo supracitado de criação de um padrão – e, portanto, de um conceito – de normalidade. Mas essa associação também concentra uma razão fundamental, da qual a história é prolífica em exemplos: a distinção entre o normal e o anormal costuma adentrar no universo do patológico, fazendo dos anormais indivíduos “loucos”, mas não como aqueles loucos metaforicamente assim chamados por destoarem dos demais em seus excessos (seja de criatividade, de coragem, etc.) muitas vezes até necessários para a sociedade: os loucos patológicos são aqueles cujo comportamento não só não traz vantagens sociais, como pode trazer riscos à sua harmonia. E aqui desponta um ponto fundamental que inspirou o estudo que iremos delinear a seguir: se a construção da ideia de normal e do seu oposto passa pelo crivo da necessidade cultural e responde ao volátil campo do relativismo conceitual, não seria uma loucura definir a loucura considerando essa definição uma verdade absoluta? Ainda mais: associar ao anormal o rótulo de um doente mental

meramente por seu comportamento estranho não seria um movimento equivocado e discriminante de uma maioria social possivelmente ignorante?

Esse contexto provocativo – e não muito discutido socialmente – aberto por essas inquietações inspiraram o presente estudo, levando-nos a margear um diálogo – mesmo que superficial – com a problemática da validade dos critérios da definição da normalidade e da loucura (como também a confiabilidade dos mesmos). Este estudo não se coloca, assim, à busca de respostas definitivas a essas provocações, mas quer iluminar sua crítica, pensando-as a partir da literatura e da filosofia, duas importantes áreas do conhecimento humano para desvelar suas razões de ser e de agir. Para tanto, fizemos o seguinte recorte epistemológico, considerando a importância da literatura e a filosofia para o entendimento das razões de ser e de agir comuns aos seres humanos: analisar a obra “O alienista”, de Machado de Assis (2013) à luz da obra “O normal e o patológico”, do filósofo e médico francês Georges Canguilhem (2009).

Objetivando, pois, compreender a possível loucura de se definir a loucura a partir das discussões suscitadas pelas obras supracitadas, organizaremos nossa investigação a partir de dois escopos específicas de análise: primeiramente, apresentaremos sinteticamente o fio narrativo da referida obra de Machado de Assis, destacando os pontos que lhe são notáveis acerca do que aqui problematizamos; em seguida, examinaremos a perspectiva canguilheniana sobre o normal e o patológico tornando-a referência crítico-analítica para a concepção de normalidade e de loucura apresentada na obra “O alienista”, na figura distinta do protagonista Simão Bacamarte.

METODOLOGIA

A realização da presente pesquisa assume uma tipologia fundamentalmente teórica em sua base investigativa, justificando o uso que faremos de fontes bibliográficas. Tendo em vista os objetivos específicos que delimitamos, organizaremos as estratégias metodológicas de nosso estudo bibliográfico da seguinte maneira: no primeiro momento, seguindo o objetivo de apresentarmos sinteticamente o fio narrativo da obra “O alienista” de Machado de Assis (2013) tomando como base a própria obra, sem remissões a adaptações literárias da mesma destacando os pontos que lhe são notáveis acerca do que aqui problematizamos; na segunda etapa deste estudo, ao fazermos uma análise-crítica da concepção de normalidade e de loucura

apresentada na obra “O alienista”, na figura distinta do protagonista Simão Bacamarte, faremos uso da obra “O normal e o patológico”, de Georges Canguilhem (2009). Neste momento da análise, usaremos como suporte de comentário teórico ao pensamento canguilheniano, o artigo “O que é uma normatividade vital? Saúde e doença a partir de Georges Canguilhem”, de Vladimir Safatle (2011). Reiteramos, ainda, que nosso recorte epistemológico respeitou a importância da literatura e a filosofia para o entendimento das razões de ser e de agir comuns aos seres humanos.

DESENVOLVIMENTO

1. Sobre os conceitos de normalidade e de loucura na obra “O alienista”, de Machado de Assis

Começamos retomando a narrativa da obra “O alienista”. Sob a recepção do imperador do Dom Pedro II, chega à cidade de Itaguaí/RJ um médico (psiquiatra) chamado Simão Bacamarte. Ele estudou nas cidades portuguesas de Coimbra e Pádua e regressa ao Brasil aos 34 anos de idade com grande desejo de se dedicar ao estudo da ciência. Contrai matrimônio aos 40 anos com Dona Evarista, mulher de 25 anos que, aos seus olhos, reunia ótimas condições fisiológicas e anatômica para terem inteligentes e robustos filhos. Simão – que tinha o objetivo de fundar em Itaguaí uma casa para loucos – vai à Câmara de Vereadores da cidade e expõe sua idéia. Depois de alguma reluta, Simão consegue fundar a Casa Verde, uma espécie de hospício.

Após a criação do hospício Simão consegue aprofundar seus estudos sobre a loucura, e rapidamente a Casa Verde recebe loucos de todas as partes da vila e vai aumentando a necessidade de fazer mais cômodos. Tendo desenvolvido uma teoria da loucura para interpretar os comportamentos dos indivíduos e classificá-los em seu nível de sanidade mental, Simão Bacamarte passou às ruas, onde iniciou a aplicação de sua dedicada teorização. Cada pessoa que via ao seu redor e que não aparentava estar no seu estado normal motivava era vista por Simão como dotada de uma anomalia comportamental que o levava a pedir a reclusão e o imediato envio para a Casa Verde.

A narrativa da obra segue e Simão Bacamarte se entrega cada vez mais ao trabalho de estudar os enfermos internos na Casa Verde a ponto de mal dormir e se alimentar. Esse cenário abala sua esposa que, angustiada, reclama da falta do marido. Com intuito de alegrar o ânimo da esposa, Simão Bacamarte lhe oferece uma viagem para o Rio de Janeiro. Diante disso, tamanha é a alegria de Dona Evarista que após três meses ela viaja com a tia, um padre, e a mulher do boticário um grande amigo de Simão.

Em meio aos seus estudos sobre a loucura, Simão – que inicialmente considerava a loucura uma ilha perdida – cria uma nova teoria sobre o limite entre a razão e a loucura, e com ajuda do boticário da cidade expõe sua ideia por meio de matracas à cidade. Diante do recolhimento de Costa para a Casa Verde, sua prima inconformada com tal ação empreende uma contestação a respeito e também é recolhida, o que deixa a população assustada com as ações de Simão, especialmente quando cada vez mais pessoas são recolhidas sem que a população entenda direito o motivo, ou seja, os critérios de Simão.

O barbeiro Porfírio – que tinha grande desejo de ingressar para a política – aproveita o clima desértico da cidade para fazer uma rebelião, a fim de acabar com o ciclo de detenções; quando a população descobre que o alienista não recebe verba alguma pelos internados a ideia de rebelião perde forças, o que, contudo, não acomete o ânimo de Porfírio. Com sua ganância, Porfírio arma a “revolta dos canjicas” e conduz a população para a casa do Dr. Bacamarte que, por sua vez, recepciona a todos de forma tranqüila, contendo a fúria da população. As forças armadas se juntam à revolta e Porfírio resolve fazer uma reunião com Simão que, por sua vez, se junta a Porfírio; mas as internações continuam.

Após um tempo, os componentes da “revolta dos canjicas” são internados e o barbeiro João Fina arma uma confusão que faz com que Porfírio seja deposto. A história se repete, mas não se consegue destruir a Casa Verde; ao contrário, tudo isso deixa a ideia da Casa Verde ainda mais forte e as internações continuam e a própria esposa de Simão Bacamarte é por ele internada.

Por fim, ao ver que a maior parte da população estava internada, “o alienista” percebe que sua teoria estava equivocada e pensa em libertar todos que estavam internados, o que o motiva a refazer sua teoria. Após algum tempo, Simão percebe que sua teoria está realmente incorreta, o que o faz mandar soltar – para sempre – todos os internos do hospício. Depois de tudo isso, Simão Bacamarte percebe que é o único anormal e se tranca na Casa Verde pelo resto de sua vida.

2. Análise das diferenças (e das referências distintivas) dos conceitos de normal e de patológico em Canguilhem

Examinando a perspectiva canguilheneana sobre o normal e o patológico (CANGUILHEM, 2009), encontramos no próprio título da obra aqui estudada um indício auto-explicativo: a obra quer debater como se perfazem as estruturas simbólicas de definição entre fenômenos normais e patológicos. Neste sentido, como lembra Vladimir Safatle (2011):

questão central não apenas para a biologia e para a clínica (quer seja ela médica ou psicológica) mas, fundamentalmente, uma questão central para a filosofia. Pois, por trás das mudanças e redefinições do que está em jogo na partilha entre normal e patológico, encontramos um problema vinculado à maneira com que a razão moderna determina a articulação entre vida e conceito, entre ordem e desordem, entre norma e erro. Uma grande parte do trabalho canguilhemeano de historiador das ciências está ligada à tentativa de demonstrar como as decisões clínicas a respeito da distinção entre normal e patológico são, na verdade, um setor de decisões mais fundamentais da razão a respeito do modo de definição daquilo que aparece como seu Outro (a patologia, a loucura etc.).

Em sua obra, Canguilhem (2009) adverte que, apesar do ideal de neutralidade que marca a ciência, a atividade científica (da qual a medicina é um exemplo) está conectado a uma rede mais expansiva de concepções de mundo que vão se formando historicamente no ideário cultural do ocidente, de tal modo que qualquer enunciado descritivo ou prescritivo em relação a um "Outro" deve respeitar essa realidade, ao preço de se criar um simulacro determinista de realidade, por se propor um olhar fechado – limitado e limitante – do diferente. A objetificação do outro por um sujeito auto-referente é uma herança do pensamento cartesiano que muito influenciou a moderna medicina ocidental. Objetifica-se o outro quando sua diferença é naturalizada como uma anomalia, em vista das referências privadas e/ou comuns ao que a maioria define como normal (qualquer que seja essa maioria, desde que ela se imponha como uma força justamente por se perceber "maior", o que acontece quase sempre). Nesse sentido, continua Safatle , comentando Canguilhem (2009):

Se o pensamento científico não forma uma série independente, mas está ligado a um quadro mais amplo de ideias historicamente determinadas é porque a reflexão epistemológica não deve se perguntar apenas sobre os poderes e direitos de técnicas e proposições científicas que aspiram validade, mas deve esclarecer a gênese dos padrões de racionalidade e as condições de exercício que se encarnam em técnicas e proposições, assim como se encarnam nas outras formações discursivas que compõem o tecido social. No caso específico de Canguilhem, isso significa que um problema clínico nunca é apenas um problema clínico, até porque ele só é

determinado enquanto problema por partilhar um padrão de racionalidade, historicamente situado, cujas raízes não se esgotam apenas no campo da clínica.

Desse modo, a obra canguilheniana adota uma ressalva aos arroubos da medicina moderna em sua ânsia por descrever a totalidade de um fenómeno a partir da mera especialização do olhar, focando no problema/anomalia/diferença como eixo definidor de algo ou alguém sem ao menos considerar o contexto em que esse "Outro" se insere e as razões que o levam a ser e a estar tal como se revela. Pensando, assim, para além do horizonte médico tradicional, com seu modelo biomédico alinhado ao olhar mecanicista e determinista do "Outro", Canguilhem (2009) nos desafia a conceber a medicina – e a experiência clínico-terapêutica como um todo – para além do *soma* (corpo) de cada um, extendendo suas preocupações à nosografia psíquica e à psicopatologia. Esse contexto crítico leva o referido autor à proposição de uma ruptura a qualquer interpretação reducionista da realidade, como ocorre com todo aquele douto sujeito que, em nome de sua ciência e embriagado pelo solipsismo da crença na inviolabilidade das convicções analíticas de sua mente consciente, quer diagnosticar – e muitas vezes corrigir – o que o outro possui de diferente em relação à douta verdade que se carrega, como – segundo discutiremos a seguir – é o caso do personagem machadiano Simão Bacamarte.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dediquemo-nos aqui a apresentar e discutir os resultados de nossa análise crítica sobre o problema de se definir a loucura – tal como apresentado na obra “O Alienista” de Machado de Assis – tomando como base a obra “O normal e o patológico”, de Georges Canguilhem.

Como vimos anteriormente, ao decorrer de seus estudos sobre problemas psíquicos e a (a)normalidade comportamental humana, o doutor Simão Bacamarte cria seu conceito de loucura baseando-se na sua percepção subjetiva de normalidade. O problema – segundo o cremos – decorrente desse conceito é o padrão estabelecido por ele e a validade dessa referência. No livro "normal e patológico", Canguilhem (2009, p. 48) defende que essa concepção – que vemos presente na teorização sobre a loucura feita por Simão Bacamarte – tende a ser equivocada porque se baseia numa lógica essencialista típica da filosofia realista e por menosprezar as diferenças alheia, apontadas como anormalidades (por não seguirem os padrões estabelecidos).

O modo como Simão Bacamarte atua na construção reflexiva de sua teoria sobre a loucura está alinhada ao modelo cartesiano do clássico cientista moderno que, como dizia Maurice Merleau-Ponty (referindo-se à ciência e aos cientistas), "manipula as coisas, mas renuncia habitá-las" (MERLEAU-PONTY, 2004, p. 13). Simão se mantém neutro em seu contato com os sujeitos que analisa, como se o "Outro" fosse uma entidade patológica ambulante (de quem se deve manter distância), só por diferir do padrão estabelecido no universo auto-referencial da consciência desse personagem. Há um evidente espectro de neutralidade na atuação científica da personagem. Só no final da narrativa machadiana é que ele percebe a fragilidade da referência que lhe serviu para fundamentar sua teoria da loucura e justificar as prisões dos cidadãos de Itaguaí. Ao perceber que a maioria estava no hospício, percebeu que se a loucura (segundo sua concepção) era normal, de modo que ele – que estava fora do hospício – é quem era anormal em relação ao padrão social e, portanto, devia ser ele um habitante legítimo da Casa Verde.

Esse final, contudo, ainda não resolve o problema filosófico da referência que melhor serve à análise do real – se a natureza ou a cultura, se a consciência subjetiva ou algum dado objetivo impresso no próprio mundo –, mas ao menos nos adverte sobre a necessária desconfiança crítica sobre construções teóricas fundadas num distanciamento da realidade fenomênica. Ao se internar na Casa Verde, Simão Bacamarte faz um movimento de humilde epistemológica, colocando-se no lugar dos outros (que lá estiveram) e permitindo-se sentir as implicações de sua própria teoria.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

À guisa de conclusão e retomando as provocações que introduzimos no início deste estudo – à luz das análises feitas –, consideramos que apesar da personagem machadiana Simão Bacamarte tipificar a ciência moderna em sua ânsia de criar padrões definidores e definitivos da realidade a partir do viés instrumental de sua racionalidade cartesiana e instrumental, ele mesmo traz consigo a limitação teórica do arquétipo que representa, tal como revela seu destino na obra. Pensando essa personagem à luz do pensamento canguilheniano, percebemos um horizonte crítico possível e necessário ao ideal de neutralidade científica e, porque não dizer, um convite à adoção dos pressupostos complexos/holísticos advogados por parte da ciência contemporânea.

Diante do nosso estudo, compreendemos que se a construção da ideia de normal e do anormal passa deve considerar as variações culturais e a teia complexa (e ininteligível em sua complexidade), seria – sim – uma loucura definir a loucura considerando essa definição uma verdade absoluta.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado de. **O alienista**. Porto Alegre: Editora LP&M, 2013.

CANGUILHEM, Georges. **O normal e o patológico**. 6. ed. Tradução de Maria Thereza Redig de Carvalho Barrocas. Rev. técnica de Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **O olho e o espírito**. São Paulo: Cosac e Naify, 2004.

SAFATLE, Vladimir. O que é uma normatividade vital? Saúde e doença a partir de Georges Canguilhem. **Revista Scientiae Studia**, v.9, n.1 São Paulo, 2011, ISSN 1678-3166.